

AVENIDA RIO BRANCO, ESQUINA COM OUVIDOR

Marcelo de Araujo

O caixão do amigo ainda nem assentava direito sobre o catafalco improvisado quando Bilac retirou do bolso um vidro de perfume. Ergueu o frasco até a altura dos olhos meio vesgos, escondidos por detrás do *pince-nez*, e removeu bem devagar a tampinha. Os membros da Sociedade dos Homens de Letras se entreolharam espantados, mas Bilac não demorou para se explicar. Apenas ele e o falecido entendiam o que ocorria:

– Satisfação a vontade do morto. Uma ocasião em que jantávamos juntos, Aníbal me narrou um sonho que tivera. Estava prestes a morrer e pedia que olhassem pelos seus versos inéditos e que derramassem sobre seu peito um vidro de *Victoria Essência*. "Bilac, se eu morrer primeiro do que tu, verterás em meu peito um vidro de *Victoria Essência*."

Uma névoa de alfazema, talvez óleo de bergamota ou extrato de lima como nota de fundo, foi preenchendo então aos poucos a sede da associação na Avenida Rio Branco. Era lá que os escritores, inclusive o falecido, costumavam se reunir. Já não queriam só aplausos, ou receber como pagamento alguns exemplares dos livros que eles próprios escreviam, e que alguns editores faziam o favor de publicar. Era o reconhecimento profissional que importava. Também eles, os escritores, tinham dívidas na praça, contas para pagar. Da última vez em que se viram ali reunidos acertaram os planos para o sarau, uma festa literária como nunca se vira antes na capital da república. Precisavam levantar fundos para a associação que haviam acabado de criar e dar início às primeiras batalhas em favor de seus direitos. Seria uma

guerra longa – sabiam – mas jamais imaginaram que se reuniriam tão cedo de novo para velar a primeira baixa do grupo.

O filete de perfume que escorreu pelo frasco foi respingando sobre a lapela da casaca até umedecer uma nódoa na camisa branca do morto. Bilac estava pálido, até mais que Aníbal no interior do caixão. Repassou o vidro ainda cheio para Oscar Lopes, que repetiu o gesto em reverência à memória do amigo. O frasco seguiu então para as mãos de Alcides Maya, e depois para as de Gregório da Fonseca, e Raphael Pinheiro, até que Raul Cardoso pudesse pingar as últimas gotas de *Victoria Essência* sobre a gravata preta de Aníbal. Ainda ficaram ali por mais de uma hora ao redor do esquife, o silêncio quebrado apenas pelo estalar intermitente de sapatos contra o assoalho de pinho, algumas vozes, parentes, outros amigos: meus pêsames, uma perda inestimável para o Brasil, que covardia. O cortejo sairia em menos de quinze minutos da Avenida Rio Branco rumo ao cemitério de São Francisco Xavier. Bilac ainda teve tempo de retirar do outro bolso do paletó um envelope contendo alguns poemas inéditos de Aníbal. Numa das folhas, um papel azul importado com OB ornamentado em relevo, trazia a despedida que Bilac escrevera em homenagem ao amigo. Eram apenas quatro versos com a data do dia: *domingo, 20 de junho de 1915...*

Naquele início de inverno, parecia menos distante a Europa. No cais da Praça Mauá desembarcava todo o dia, em caixotes de madeira equilibrados sob o sol, cada item indispensável à construção de um país: perfumes, bengalas, canetas, papel. Até mesmo a manteiga, a que serviam na Confeitaria Colombo já um pouco rançosa, era parisiense também. E não havia alfaiate – em toda parte na capital – que não se orgulhasse de um amplo sortimento de fazendas encorpadas, oriundas da Inglaterra ou de algum tear escocês. No início do ano fazia um calor inclemente, aquela umidade transpirando pelos poros abertos da cidade, bafejando pela malha de lã nas sobrecasacas e fraques, por entre os dedos nas luvas de seda que desfilavam solenes do

Palácio do Catete à Biblioteca Nacional. E bastava andar mais um pouco para ver logo em seguida os Champs-Élysées também, aquele pedaço da França replicado no coração do país. Quando a Avenida Central foi aberta se ouviam tantos *vive la France! vive la France!*, entoados com euforia, que uma senhora distraída poderia talvez até jurar ter aportado em Marseille por engano. Foi só mais tarde que resolveram rebatizar a avenida em homenagem ao diplomata. A Avenida Rio Branco era motivo de orgulho. Para lá acorriam advogados, deputados, escritores, e poetas nos finais de semana.

No sábado de tarde, Gilberto e Paulo deixaram o escritório de advocacia, recém-inaugurado na Rua do Carmo, e seguiram então para a Avenida Rio Branco, esquina com Ouvidor. Era lá que funcionava o Jornal do Comércio em 1915. No salão nobre do prédio, a Hora Literária começaria em poucos minutos. Ninguém sabe mais ao certo de quem partiu a ideia, mas coube a Bilac gestar o evento. O recital atraiu tanta gente aquele dia que não sobraram cadeiras vazias no quinto andar do edifício. Embora fosse junho, já menos austero nosso clima, deixaram bem abertas as janelas. A ignição de pó de magnésio irradiava um brilho intenso no ambiente, um clarão prateado seguido de uma nuvem que apenas aos poucos ia se dispersando no salão. Só os fotógrafos não reclamavam da fumaça. Uma das chapas, como se revelou depois, capturava Gilberto sussurrando não se sabe o que no ouvido de Paulo. O exato momento em que Aníbal recita "Ausente", soneto de um livro que editara alguns anos antes:

Nubla-se o olhar, queda-se immoto, o lábio mudo,

Vem a impressão de que começa o fim de tudo.

Não era ainda o fim de tudo, mas apenas do sarau. E todos – quase todos – aplaudiram Aníbal de pé. Nos dias que se seguiram não houve jornal da capital que não estampasse manchetes, que não publicasse um artigo, uma

nota sequer sobre a Hora Literária organizada por Bilac. Foram muitas fotos no decorrer daquela noite. E Gilberto, em muitas delas registrado, foi capturado de novo. Mas dessa vez a névoa produzida jamais se dissipou inteiramente.

Ao deixarem o salão, os literatos, aglomerando-se à saída, trocaram elogios, apertos de mãos, abraços. No saguão dos elevadores, ainda no quinto andar, Aníbal acenou em direção a Gilberto. Este, polidamente, retribuiu o gesto. O poeta, no entanto, alterando o tom de voz, se apressou em desfazer o equívoco:

– Eu não o cumprimentei, e sim a uma senhora, porque a você eu não cumprimento.

Gilberto ficou desconcertado, mas não perdeu a linha. Deu as costas para Aníbal e entrou no elevador. Era Paulo, mais do que Gilberto, que parecia indignado:

– Seu Gilberto, um homem não suporta isso! Meta a bengala neste bandido – disse enquanto desciam.

– Paulo, estou acompanhado da minha família. Que posso fazer? De resto, não brigarei nunca com este homem – respondeu Gilberto tentando aplacar a inquietação do amigo.

Quando chegaram ao térreo, Gilberto e Paulo encontraram alguns conhecidos. Não demorou muito, porém, até que Aníbal e seus amigos chegassem ali também. Paulo, com a ofensa a que Gilberto fora submetido ainda latejando nas têmporas, foi logo exigir satisfação:

– O senhor tentou desfeitear o meu amigo.

– Não tentei desfeitear, desfeiteei-o. Não tenho que lhe dar satisfação – respondeu Aníbal, encenando indiferença.

Paulo, contudo, como se quisesse demonstrar na prática o que propusera a Gilberto em teoria, e para que não o acusassem de incoerência depois, empunhou em riste a bengala e partiu para cima do poeta. Aníbal, mais corpulento do que Paulo, surpreendeu o agressor: agarrou-o pela gola fazendo o homem sacudir dentro do fraque. Foi uma gritaria no saguão, um pandemônio de se ouvir na Rio Branco: mais insultos, ofensas, acusações que vinham de todos os flancos descobertos. Os Champs-Élysées nos trópicos mais lembravam agora as trincheiras de uma guerra em pleno curso na Europa. Mas não durou muito tempo o combate. Foram três disparos de um revólver para encerrar o conflito. Duas balas na parede. A terceira, desferida pelas costas, atingiu Aníbal na nuca. O poeta morreu na ambulância a caminho do hospital.

Na confusão, Gilberto ainda tentou se evadir. Escondeu no bolso do paletó o revólver e cruzou a porta que dava para a sala do telégrafo, já na altura da Rua do Ouvidor. O plano, porém, não deu certo: um guarda de plantão, um tal José Macedo, frustrou a sua fuga obstruindo o caminho. Deu-lhe voz de prisão e exigiu que entregasse a arma. Gilberto protestou. Ele era catedrático em Direito Penal de uma universidade em Pernambuco e conhecia muito bem os seus direitos: como deputado federal, representante da nação, era detentor de imunidades. O segurança, contudo, um sujeito ignorante e que não conhecia nada de leis, prendeu Gilberto assim mesmo.

– Foi este! Foi este!

A multidão que ia se aglomerando na entrada do Jornal do Comércio por pouco não lincha o deputado em plena Rio Branco.

Gilberto se tornara deputado federal pelo estado de Sergipe no mês anterior. Tinha menos de trinta anos quando disparou contra Aníbal. Um ano depois ele foi a julgamento. Evaristo de Moraes, ciente do calor que movia os beletristas na capital, e tendo defendido com sucesso o assassino de Euclides

da Cunha alguns anos antes, foi o seu advogado. Foram dois dias de trabalhos e muita discussão: uma sucessão de acusações e defesas, réplicas, tréplicas e apartes que nem todos conseguiam acompanhar com atenção, ainda mais com o público assistindo ao julgamento da janela do fórum ou em pé no corredor. O velho tribunal na Rua do Lavradio não comportava tanta gente. Costa Ribeiro, o juiz encarregado, teve de providenciar às pressas um reforço de cinquenta praças da Brigada Policial para garantir a ordem na casa. Todos falavam ao mesmo tempo, emitiam opiniões, argumentavam, mas ninguém se entendia.

A imprensa exigia a cabeça de Gilberto. A promotoria pedia trinta anos de prisão. O texto da Constituição de 1891, no entanto, como Evaristo de Moraes tentava explicar no tribunal, era inequívoco nesse ponto:

– Artigo 27 do Código Penal: não são criminosos os que se acharem em estado de completa privação de sentidos e de inteligência no ato de cometer o crime.

A eloquência de Evaristo de Moraes deixava poucas dúvidas sobre a inocência de Gilberto. O orador esclareceu também que o acusado, homicida confesso do poeta, era mais vítima do que réu naquele imbróglio literário que terminara em tragédia. Cabia no fundo a Bilac e seus amigos, à Sociedade dos Homens de Letras, a culpa pelo crime no Jornal do Comércio:

– O Dr. Gilberto foi vítima, é e será uma vítima da intrigalhada literária.

Ao concluir a defesa, Evaristo de Moraes mal podia conter o suor que lhe brotava em gotas pela testa e ia se esparramando em pingos sobre a lapela da casaca. Seu rosto brilhava a cada novo disparo dos fotógrafos. Parecia confiante. Foi preciso que o juiz, já bastante irritado, exigisse que parassem com as fotos e aceitassem um cessar fogo. Mas era tarde: uma névoa pesada

intoxicava a sala de audiência, entorpecia a todos no plenário. Até a promotoria ficou meio aturdida no fim.

Quando Cyrillo Junior, o promotor no julgamento, tomou pela última vez a palavra, já não mostrava confiança alguma nos desígnios da justiça. Avançada a madrugada, a peroração que se ouviu do promotor deixou a todos perplexos. Já não era acusação o que fazia, mas uma declaração de derrota:

– Eu sei que o criminoso será absolvido. Vai, assassino. Vai e mata outro, mas antes de ir assassina também as tradições de honra deste tribunal.

Os jurados, encorajados pela defesa, e reanimados agora pela convicção que a até promotoria tinha na vitória do acusado, já não tinham tantas dúvidas. Em 29 de junho de 1916 Gilberto foi declarado inocente: 4x3 no placar do tribunal de júri. Gilberto retornou então à Câmara dos Deputados. Mais tarde, no entanto, a promotoria apelou. Em 26 de junho de 1918 Gilberto foi então novamente a julgamento. E novamente inocentado: 5x2 no placar. Era o fim de uma guerra. E ninguém comentava.

Gilberto então voltou: voltou à Câmara por dois mandatos, e ao Senado depois. Voltou à Europa como diplomata, e então como embaixador. Voltou à cátedra de Direito Penal, que já dominava agora ainda mais do que antes. Voltou para ser diretor da Caixa Econômica Federal, e professor da Faculdade de Direito no Rio de Janeiro. E até às festas literárias ele voltou também: em 1963 foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras. Gilberto voltou inclusive depois de morto, demonstrando o alcance das decisões na Academia: em 2013 deu seu nome a uma ponte, inaugurada em sua homenagem no estado de Sergipe. – Aníbal, no entanto, esse ainda não voltou. O poeta continua morto até hoje.

...o cheiro de alfazema é bem menos intenso agora. Resta só o aroma de bergamota no ar. Bilac ergue a folha azulada até altura dos olhos e ajeita o *pince-nez*. Declama então algumas linhas de "O tempo":

Ninguém pode evitar os meus danos...

Vou correndo sereno e constante:

Desse modo, de cem em cem anos

Formo um século, e passo adiante.

Bilac dobra novamente as folhas e passa o envelope adiante. Era preciso olhar pelos versos inéditos de Aníbal. Retira o relógio do interior do colete e entende que é hora de partir. Teria um longo domingo pela frente.

* * *

Todas as falas neste conto foram extraídas de jornais do Rio de Janeiro publicados entre 1915 e 1916. As reportagens tratam do crime envolvendo Gilberto Amado (1887-1969) e Annibal Theophilo (1873-1915). O crime completou 100 anos no dia 19 de junho de 2015.

"Satisfaço a vontade do morto..." (*A Época*, 21 de junho de 1915, p. 2).

"Nubla-se o olhar..." (*Correio da Manhã*, 21 de junho de 1915, p. 4).

"Eu não o cumprimentei..." (*Correio da Manhã*, 20 de junho de 1915, p. 3).

"Seu Gilberto, um homem..." e "Paulo, estou acompanhado..." (*O Paiz*, 20 de junho de 1915, p. 2).

"O senhor tentou desfeitear..." e "Não tentei desfeitear..." (*Correio da Manhã*, 21 de junho de 1915, p. 3).

"Foi este..." (*Gazeta de Notícias*, 20 de junho de 1915, p. 5).

"Artigo 27 do Código Penal..." (Código Penal, decreto de 11 de outubro de 1890).

"O Dr. Gilberto foi vítima..." (*Gazeta de Notícias*, 29 de junho de 1916, p. 3).

"Eu sei que o criminoso..." (*A Noite*, 29 de junho de 1916, p. 4).

Marcelo de Araujo é pesquisador e escritor. Doutorou-se em filosofia pela Universidade de Konstanz, Alemanha. Professor de filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Site do autor: www.marcelo-de-araujo.blogspot.com.br